

PAZ NÃO É SILÊNCIO

Margarida Cardoso, *cinasta*

Boa noite a todos. Foi com muito gosto que aceitei o convite que me fez o Jorge Wemans para vir aqui falar para vós.

Precavendo-me já de falsas expectativas sobre o campo de saber em que me insiro, digo-vos já que sou uma pessoa que tem mais dúvidas do que convicções, e que, felizmente, vim na confortável qualidade de artista... Quer dizer, uma pessoa que questiona o mundo.

I.

E por que é impossível separar quem eu sou da forma como interpreto o mundo, vou fazer um breve resumo de algumas coisas que eu sei, ou que penso saber sobre mim.

Sou cineasta. Gosto da palavra cineasta, sobretudo da sua correspondência em inglês que é *filmmaker*: fazedora de filmes. É isso que eu me sinto. Não sou uma diretora, nem gosto unicamente de dirigir equipas. Gosto de fazer quase tudo: escrever o guião, fotografar, fazer som e editar os meus filmes. O que me interessa é construir “coisas”, objetos que comuniquem.

Oscilo entre o documentário e a ficção. Muitos dos meus filmes questionam assuntos coloniais e pós-coloniais, a História e as narrativas individuais e colectivas, a memória - e a ausência da memória - a guerra, a culpa, mas sobretudo aquilo que eu chamo a violência colateral. Uma violência sem nome que chega “em eco” e atinge sempre os mais fracos e desprotegidos, as mulheres, as crianças... Essa violência é silenciosa, é silenciada pela vergonha e em geral não tem nome.

É essa violência, cujo epicentro é a guerra colonial, que recai “em eco” sobre as mulheres (silenciosas) na Costa do Murmúrios, e é esse silêncio que esconde a verdadeira história de Yvone Kane no meu último filme de ficção.

Penso ser essa uma das minhas grandes lutas. Dar um espaço de luz ao que está escondido, no escuro. E como diz o personagem da Beatriz Batarda no meu último filme: PAZ NÃO É SILÊNCIO.

Também dou aulas de cinema, ou melhor, acompanho e guio muitos jovens. Muitos deles de diferentes nacionalidades, culturas e religiões. Isso dá-me, felizmente, uma grande capacidade de aceitar e relativizar as diferenças. Somos todos humanos... diferentes, mas humanos.

II.

Quanto à minha relação com a cidade. Não nasci em Lisboa. Nasci em Tomar e fui para Moçambique em pequena. O meu pai é militar e ali ficámos durante os 10 anos de guerra.

Voltámos depois do 25 Abril, muito satisfeitos de podermos voltar ao lugar que, para nós, era Portugal. Só em 78 viemos morar para Lisboa, e diretamente para aquilo que eu chamo “planeta Chelas”. Chelas, nos anos 80, era um bairro onde quase todos os prédios tinham sido ocupados. O ambiente era difícil e duro. Para mim foi como ter aterrado noutra planeta. No entanto, sinto que foi um privilégio ter experimentado uma juventude tão perto dessa dura realidade. Vivia num bairro que não era visitado e isso obrigou-me a ser a “visitante e a viajante”, nessa Lisboa dos anos 80.

Também posso dizer que a experiência de viver nesse bairro me afastou de todo e qualquer “romantismo” com que por vezes se olha para a pobreza e para questões tão complicadas como atritos culturais, raciais e étnicos. Uma coisa é criar um discurso académico ou ideológico sobre o que está certo ou errado, outra coisa é ser “vizinho” dessa realidade complexa.

III.

Quanto à minha relação com a religião. Os meus pais não são casados pela Igreja católica e nem eu nem a minha irmã somos batizadas. Os meus pais não têm nenhuma ligação a partidos. Não foi por nenhuma opção ideológica, mas por honestidade para com as suas convicções morais pessoais, que optaram por isso.

Ensinaaram-me o valor do amor e do respeito pelos outros. Não foi preciso evocar o medo, ameaças de infernos ou regras morais escritas algures, em livros. Só respeito e amor pela vida, gosto de viver e sentido de humor. Uma forma risível de olhar a vida com respeito. Muito. E adaptando o meu salmo favorito, o salmo 23 : «Eles são (e serão sempre) os meus pastores, e nada me faltará». Nunca.

Posso dizer que hoje sou ateia, no sentido em que não consigo acreditar em divindades, mas isso nunca me afastou de quem acredita. Acredito na alteridade de todos os elementos vivos e sou uma pessoa fascinada pelo mistério da complexidade do Todo. É a revelação desse mistério, e das perguntas que não têm respostas, que me move no meu trabalho, e que aparece muitas vezes no lado mais etéreo dos meus filmes.

Esse mistério basta-me, fascina-me, enche-me interiormente, e acho que é a beleza dele que nos une, hoje, aqui debaixo desta luz.

IV.

Por falar em “debaixo desta luz”. No primeiro contacto que tive com o Jorge, falámos brevemente sobre o conceito destes encontros. Eu concordei em participar. No *site* do “Escutar a Cidade” pude ver alguns vídeos e assim ter uma noção mais clara das intenções e do “dispositivo” criado para estas sessões. Como cineasta, e como professora de Linguagem de Cinema, claro que me interessei mais pelo “dispositivo”: estaríamos num palco e iríamos falar por detrás de um protetor púlpito, iluminados por uma luz divina, para uma plateia de sombras. Fiquei a pensar o que estaria por detrás da opção consciente deste dispositivo?

Porque não estaríamos todos sobre uma mesma luz que nos iluminasse, numa fraterna igualdade? Como falar para sombras, eu que estou habituada a manter os meus olhos bem

abertos, nos olhos - nem sempre bem abertos - dos meus alunos. Ou nos olhos dos espectadores dos meus filmes que, depois das sessões me questionam?

Então, pensei: vou enviar um vídeo, um filme pré-gravado, onde eu exponho as minhas questões... Mas qual seria a diferença para vós e para mim? A imagem de mim, não sou eu, mas uma imagem do passado, fantasmagórica, de algo que já não existe. Esse momento em diferido, não me pareceu ser o que me pediam. Percebi que aquilo que me pediam não era só uma exposição de uma série de ideias e questões, era acima de tudo o “EU estar aqui convosco”, e conseqüentemente dando um pouco de mim mesma, num estado a que vou chamar de “vulnerabilidade relacional “ (... no bom sentido). E é aqui, do alto da minha vulnerabilidade, que vos interpelo, consciente das minhas dúvidas.

A minha primeira questão refere-se a comunicação, relação e vulnerabilidade. Uma das áreas que ensino é documentário, e é na linguagem cinematográfica do documentário que se concentram as mais pertinentes questões éticas, estéticas e filosóficas, sobre relações humanas. Cinema não é verdade, nem realidade, mas a construção de uma interpretação do mundo. Ao escolher aquilo que enquadrar – que é sempre, e somente, uma pequena parte do real – já estamos a tomar uma posição, a decidir o que mostrar. A montagem e a construção da narrativa também é isso mesmo: uma construção, uma falsidade. Então o que é que vemos no documentário e que difere da ficção e que nos cativa e fascina nessa relação com o real?

O que vemos no documentário é relação. Tudo o que vemos no ecrã é a relação criada nesse espaço entre “filmador” e filmado. O dispositivo que permitiu que o momento filmado exista é a matéria dramática que vemos no filme. Isso requer uma persistência absoluta em ver e ouvir e saber explorar esse espaço entre quem fala e quem ouve, através do dispositivo certo. Esta questão aplica-se a tudo o que é comunicação.

V.

E o que faz a Igreja para criar esse espaço relacional entre quem fala e quem ouve ? Como todas as religiões, também a Igreja Católica evoluiu, e ainda bem. Mas, na minha leiga opinião, continua a haver algo que começa a estar perigosamente desajustado na forma de comunicar. A minha percepção, e das pessoas que me rodeiam, sobretudo os mais jovens, é de total desconhecimento de quem são os católicos na sua diversidade. Como interpretam certos Dogmas, e como se relacionam com o mundo real? E como desfazer esta ideia de que, falando para vocês, me será proibido ou inapropriado levantar algumas questões que me atormentam? Como pode a Igreja abrir-se ao questionamento profundo, sem se desfazer em pedaços? A fragilidade da Igreja, hoje, impressiona-me, pois não consigo perceber o porquê de uma certa cegueira em identificar as verdadeiras “caixas de Pandora” do nosso tempo. Por isso, e combatendo estas, talvez injustas, ideias de que há coisas de que não vos devo aqui falar, vou expor as minhas dúvidas com todo o respeito.

Sexualidade e aborto. Há 8 anos abriu-se a “caixa de Pandora” da legalização do aborto. O que mudou? Pergunto-vos? Sabemos que acabou o negócio sórdido dos abortos feitos nas cozinhas dos andares insuspeitos e silenciosos, em todos os bairros da cidade. Tive

conhecimento da existência de alguns desses lugares, e sempre que lá passo, podem crer, é com grande alívio que penso já não existirem.

Se nos focarmos sobre as questões morais: Quem é que depois da legalização do aborto modificou a sua opinião sobre o valor da vida? Quem é que achava que era um crime matar um feto humano, e que depois da legalização já acha que afinal isso não é um crime moral? A resposta é ninguém. Nada mudou no aspeto moral e ainda bem. A Igreja fez bem o seu trabalho a montante.

A caixa de Pandora aberta não foi o sim à legalização do aborto. A caixa de Pandora que se abriu há séculos foi a de aceitar a desigualdade de género, a violência doméstica e sem nome, a globalização da indiferença, e tudo aquilo que nos mantém no escuro. Um tremendo escuro... Por isso eu acho que a Igreja devia ser mais ativa a abraçar causas que nos iluminem e em lutar, tomando posições claras sobre temas fundamentais e estruturantes.

Por exemplo, temos aqui connosco algumas pessoas que lutaram na capela do Rato pelo fim da guerra colonial. Foram presas e sofreram por uma causa absolutamente fundamental. Penso que qualquer pessoa, católica ou não católica, sentiria o impulso e a vontade de lutar por essa causa. Por isso, o que eu sinto é a necessidade de saber como a Igreja interpreta as transformações sociais nestes últimos anos.

Penso que – roubo aqui a expressão ao Pedro Mexia – a Igreja não se pode reduzir a uma espécie de Direção Geral da Vida Sexual. Eu sei que não é isso que a Igreja quer ser... mas é isso que parece. E isso remete-nos para tal problema central da relação com o real, da linguagem e comunicação.

Outra caixa de Pandora aberta: *casamentos entre pessoas do mesmo sexo e a aceitação da homossexualidade*. Mais uma vez vos interpelo, sem resposta imediata, mas esperando que possa ser um tema de discussão entre vós. Conseguem ver em mim algo de estranho, de diferente? Acham que me olhariam, ou ouviriam de outra maneira se soubessem que eu partilhei e partilho a minha vida com uma mulher, e não com um homem? Custa-me pensar que aos vossos olhos eu poderia ser um membro do “exército do mal”. Digo-vos com absoluta consciência e cheia de CONVICÇÃO, que não me sinto a contribuir para a “DERROTA DA HUMANIDADE”.

Gostava muito que pensassem por que é que HOJE, eu não tenho medo vos dizer a verdade, e que tomem isso como um sinal de respeito para convosco e não de desrespeito. Há pouco tempo na Irlanda – e cito a France-Presse – “num país no qual mais de 90% das escolas do ensino básico estão sob a tutela da Igreja, os sinos tocam duas vezes por dia na televisão pública e 84,2% da população se declara católica”, o casamento entre pessoas do mesmo sexo foi aprovado por maioria, num referendo histórico.

O que estão a tentar dizer estas pessoas à Igreja católica? E quem as ouve e interpreta esta mudança? Mas a resposta da Igreja católica a este coro de vozes alinhadas foi: “A derrota da humanidade”. Ponto. E porque aconteceu tal coisa? O que vão os católicos fazer para lutar contra estes tempos eventualmente “tenebrosos e inumanos” que caíram sobre a Irlanda? Resposta: Silêncio... Pelo menos, eu não ouvi nada. E aí voltamos outra vez a essa

comunicação em falha. Por que eu, de boa-fé, acredito que este silêncio não é a resposta que a maioria dos católicos esperam da sua Igreja.

Desigualdade de género. E penso que essa será a próxima “caixa de Pandora” a ser aberta... e ainda bem. Apelo-vos a uma luta empenhada e justa sobre o papel da mulher na Igreja. Como me podem “chamar” para vós, se a posição da igreja não mudar? Que sentido faz manter uma posição onde a desigualdade de género é gritante e desajustada? De que tem medo a igreja, ao evoluir nesse aspecto?

Terminando, penso que não são as convicções morais sobre o aborto, sexualidade ou desigualdade de género que erguem esta “enorme fronteira” que nos separa, mas esta falta de comunicação, ou desajustamento do real, a falta de disponibilidade para a vulnerabilidade de se deixar questionar, e acima de tudo, de responder.

Existem pontes como esta, onde fui convidada a atravessar para um outro lado. Estou a ser recebida, ou escutada. Mas, francamente, acho que não pode haver fronteiras nem pontes porque habitamos todos o mesmo território.

É com imenso respeito que vos peço – não para mudarem as vossas convicções – mas para que, com a vossa capacidade de mobilização e influência, nos “convidem” a lutar convosco por aquilo que nunca nos separará: a convicção no poder transformador do “bem”, e no acreditar que esse “Deus” habita em todos nós... sem exceções.

Obrigada por me terem ouvido.